



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ÉRICA ALVES SEVERO

**PROJETO UNIVERSIDADE EM AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PAZ:
UMA AUTOETNOGRAFIA REFLEXIVA**

**JOÃO PESSOA
2023**

ÉRICA ALVES SEVERO

**PROJETO UNIVERSIDADE EM AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PAZ:
UMA AUTOETNOGRAFIA REFLEXIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profª. Dra. Andréa Maria Calazans Pacheco Pacífico

JOÃO PESSOA - PB
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S498p Severo, Érica Alves.

Projeto universidade em ação na construção de paz [manuscrito] : uma autoetnografia reflexiva / Érica Alves Severo. - 2023.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Andréa Maria Calazans Pacheco Pacífico, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Cultura de paz. 2. Segurança humana. 3. Autoetnografia. 4. Emancipação na sociedade. I. Título

21. ed. CDD 303.69

ÉRICA ALVES SEVERO

**PROJETO UNIVERSIDADE EM AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PAZ: UMA
AUTOETNOGRAFIA REFLEXIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 28/ 11/2023.

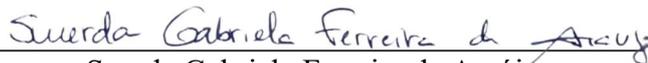
BANCA EXAMINADORA



Andréa Maria Calazans Pacheco Pacífico (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Sílvia Garcia Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Suerda Gabriela Ferreira de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Neste momento de conclusão da minha trajetória acadêmica, desejo expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, minha família merece meu agradecimento mais profundo. A minha querida mãe e ao meu pai, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando incondicionalmente. Seu amor e crença em mim foram a base sólida sobre a qual construí meu percurso acadêmico. Aos meus amados irmãos, que sempre me apoiaram e contribuíram sempre me ajudando com o que eu precisasse, meu reconhecimento pelo apoio e amor que demonstraram. A todo o resto da família também, agradeço por todo apoio, compreensão, cuidado e carinho que tiveram por mim, minha avó, meus cunhados, meus tios, meu namorado e meus sogros.

Não posso deixar de agradecer aos meus professores também, cuja orientação, conhecimento e conselhos foram fundamentais na elaboração deste TCC. Suas contribuições foram inestimáveis e moldaram significativamente o resultado deste trabalho. Em especial, agradeço ao professor Paulo Kuhlmann, cujos ensinamentos foram muito importantes para a minha formação, tanto profissional quanto pessoal, sou grata pela oportunidade de ter sido sua aluna, orientanda e parceira durante minha jornada no PUA.

Ao meu grupo do Projeto Universidade em Ação (PUA), que me acompanhou durante a produção deste TCC, quero expressar minha profunda gratidão. A parceria e apoio de vocês foram essenciais para a conclusão bem-sucedida deste projeto. Seus insights e colaborações enriqueceram significativamente o meu trabalho, e estou grato por ter tido a oportunidade de aprender e crescer com todos vocês.

Aos amigos, colegas de classe e a todos que torceram por mim e ofereceram palavras de encorajamento, meu sincero agradecimento. Vocês fizeram parte desta jornada e foram uma fonte de inspiração.

Este trabalho reflete a dedicação e o esforço de muitas pessoas, e eu não teria conseguido sem o apoio e colaboração de todos vocês. Espero que as ideias e conclusões apresentadas neste TCC possam contribuir positivamente para nossa comunidade e sociedade como um todo. Obrigado por fazerem parte desta conquista e por terem desempenhado um papel fundamental na minha jornada acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A JORNADA DA CULTURA DE PAZ.....	9
1.2. A Definição de Paz e Suas Dimensões.....	11
1.3. A Compreensão da Violência.....	12
1.4. A Natureza do Conflito.....	12
1.5. Perspectivas da Paz: Unindo Tradições para um Futuro Harmonioso.....	13
2. A SEGURANÇA HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES.....	14
2.1. O Paradigma Emergente da Segurança Humana.....	16
2.2. Proteção e Empoderamento.....	16
2.3. Implementação prática da Segurança Humana.....	17
3. EMANCIPAÇÃO NA SOCIEDADE.....	18
3.1. A Evolução do Cenário Internacional.....	18
3.2. Realismo Utópico: Uma Nova Abordagem para a Segurança.....	18
3.3. A Relação entre Emancipação e Segurança.....	19
4. PROJETO UNIVERSIDADE EM AÇÃO (PUA).....	21
4.1. Vivências da Trajetória.....	25
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

PROJETO UNIVERSIDADE EM AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE PAZ: UMA AUTOETNOGRAFIA REFLEXIVA

Érica Alves Severo¹

RESUMO

Neste artigo, abordarei a minha experiência como participante voluntária do Projeto Universidade em Ação, onde tive a oportunidade de vivenciar e contribuir para a disseminação da cultura de paz nas escolas e comunidades periféricas de João Pessoa. Utilizando como metodologia um relato de experiência, abordarei minhas reflexões e aprendizados sobre as atividades realizadas pelo projeto, destacando a promoção da cultura de paz e da segurança humana como parte dos seus pilares fundamentais. Destaco a relevância desse tema especialmente no contexto social brasileiro, marcado por altos índices de violência urbana que afetam em grande parte os moradores das periferias, principalmente crianças e adolescentes. Ao final do artigo, ressaltarei a importância de iniciativas como as do Projeto Universidade em Ação na construção da cultura de paz a favor de uma sociedade mais justa e segura, bem como os benefícios pessoais que obtive ao participar desse projeto transformador.

Palavras-chave: cultura de paz; segurança; autoetnografia, emancipação.

ABSTRACT

In this article, I will address my experience as a participant in the Universidade em Ação Project, where I had the opportunity to experience and contribute to the dissemination of a culture of peace in schools and peripheral communities in João Pessoa. Using an experience report as a methodology, I will address my reflections and learnings about the activities carried out by the project, highlighting the promotion of a culture of peace and human security as one of its fundamental pillars. I highlight the relevance of this topic especially in

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba; é membra voluntária ativa do Projeto Universidade em Ação (PUA).
erica.severo@aluno.uepb.edu.br

the Brazilian social context, marked by high rates of urban violence that mainly affect residents of the outskirts, especially children and adolescents. At the end of the article, I will highlight the importance of initiatives such as those of the Universidade em Ação Project in building a culture of peace in favor of a fairer and safer society, as well as the personal benefits I obtained by participating in this transformative project.

Keywords: culture of peace; security; autoethnography, emancipation.

INTRODUÇÃO

A violência urbana, essa sombria realidade que assola as cidades brasileiras, é uma ferida profunda e multifacetada que atinge indiscriminadamente milhões de cidadãos. No entanto, suas garras parecem se cerrar com mais ferocidade sobre as comunidades periféricas e marginalizadas, onde a sensação de insegurança e a falta de oportunidades há muito se enraizaram, tornando-se parte indesejada do cotidiano dos habitantes. Esta realidade desafiadora convoca uma resposta enérgica e inovadora, uma busca incessante por soluções que promovam a segurança, a paz e, crucialmente, a emancipação daqueles que há muito tempo sofreram com a negligência e a desigualdade sistêmica.

Neste cenário de adversidade, surge o Projeto Universidade em Ação (PUA), uma iniciativa que se tornou um farol de esperança nas comunidades periféricas de João Pessoa, Paraíba. O PUA é um projeto de extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), situado no Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, vinculado ao curso de Relações Internacionais. Essa iniciativa revolucionária se propõe a disseminar as sementes da cultura de paz e da não-violência por meio de abordagens lúdicas, como palhaçaria, circo, teatro, oficina de bonecos, grafite, contação de histórias, moda e também círculos de diálogo e letramento, com o objetivo de redirecionar o futuro das crianças e adolescentes nas periferias de João Pessoa.

A emancipação, nesse contexto, assume a função de bússola que guia cada passo do PUA. Ela representa a capacidade intrínseca das pessoas de libertarem-se das amarras da opressão, da desigualdade e da falta de oportunidades, almejando a conquista da autonomia, do poder de decisão e da participação ativa na sociedade. A emancipação, por conseguinte, é como um farol que ilumina o caminho das comunidades periféricas, pois acaba também

oferecendo acesso à educação de qualidade, à cultura, à saúde, a empregos dignos e a uma sensação de segurança que, por tanto tempo, lhes foi negada.

O PUA desempenha um papel transformador e preponderante nesse cenário desafiador, oferecendo um vasto repertório de atividades e projetos que têm o propósito nobre de empoderar as crianças e adolescentes. Ele se torna a plataforma a partir da qual esses jovens podem alçar voos mais altos, tornando-se líderes de mudança em suas próprias comunidades. Ao se envolverem com a universidade por meio do PUA, esses jovens têm a oportunidade não apenas de adquirir conhecimento acadêmico, mas também de desenvolver habilidades essenciais para a vida, expandir vislumbrar novos horizontes e perspectivas para seus futuros.

Este trabalho de pesquisa propõe-se a fazer uma reflexão profunda sobre como a participação no PUA e as atividades por ele desenvolvidas se convertem em uma alavanca para a emancipação dos seus participantes. Ele busca identificar como o projeto fornece as ferramentas e as oportunidades necessárias para que esses jovens se tornem verdadeiros agentes de transformação em suas comunidades, contribuindo para quebrar o ciclo pernicioso da violência urbana e pavimentando o caminho para uma sociedade mais pacífica e segura.

É essencial compreender que a emancipação não é um processo simples ou rápido; ao contrário, é uma jornada complexa e de longo prazo. No entanto, sua essência é indiscutivelmente crucial na busca por uma sociedade mais justa e segura. A relevância deste tema reside na urgente necessidade de discutir e encontrar alternativas para a violência urbana no Brasil, um flagelo que inflige consequências graves e duradouras sobre a sociedade como um todo.

Simultaneamente, não podemos subestimar a importância vital do PUA na formação de cidadãos conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais justa e segura. O PUA não é apenas um projeto de extensão universitária; é uma força motriz que busca redefinir a narrativa da periferia, transformando-a de um espaço de marginalização em um berço de liderança e mudança positiva.

Ao compartilhar minha experiência pessoal e reflexões decorrentes da participação no PUA, almejo contribuir para uma compreensão mais profunda dos desafios envolvidos na promoção da cultura de paz e da segurança humana. Além disso, busco provocar uma reflexão sobre o intrincado papel da universidade na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, um papel que transcende a mera transmissão de conhecimento acadêmico.

Acredito que minha experiência e reflexões podem servir como guia e fonte de inspiração para outros estudantes, pesquisadores e membros da comunidade que desejam se

engajar em iniciativas similares. Igualmente, espero que essas reflexões inspirem uma compreensão mais profunda da realidade social brasileira e catalisem ações transformadoras em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e segura, onde a emancipação seja uma realidade palpável para todos.

Este artigo encontra-se estruturado em quatro partes, onde nas três primeiras trarei um arcabouço mais teórico para o entendimento e conceituação dos estudos para a paz, da segurança humana e da emancipação. Por último, abordarei sobre o Projeto Universidade em Ação, como surgiu, no que consiste, como funciona na prática e as minhas experiências como voluntária. Vale ressaltar também que, durante este capítulo, apresentarei frases e/ou relatos de pessoas que eu entrevistei que fazem parte do PUA e/ou que presenciaram e foram afetadas pelas atividades do projeto.

1. A JORNADA DA CULTURA DE PAZ

Durante o auge da Guerra Fria e o medo constante de uma guerra mundial catastrófica, a busca por compreender a paz e identificar meios eficazes para promovê-la expandiu-se. Neste contexto, pensadores como Lewis Fry Richardson, Quincy Wright e outros cientistas sociais bem-intencionados começaram a examinar questões relacionadas com a paz. O resultado desse esforço é a sistematização do conhecimento da paz, abrangendo conceitos desde a antiguidade até o século XX (YOUNG, 2013).

Há um número crescente de departamentos e centros de pesquisa dedicados à compreensão da paz e dos conflitos nos Estados Unidos e na Europa. Destacam-se nomes como Johan Galtung da Noruega (cofundador do Oslo Peace Research Institute), Anatol Rapoport da Universidade de Michigan (EUA) e Kenneth Boulding da Universidade de Stanford (EUA). Eles ofereceram uma abordagem sensata que contrastava com a alternativa de destruição mutuamente assegurada defendida por figuras como Henry Kissinger, Herman Kahn e outros proponentes da dissuasão nuclear e da política da Guerra Fria (YOUNG, 2013, pg. 168).

O objetivo subjacente dos Estudos para a Paz, muitas vezes abreviado como EPP, é compreender as causas da violência e encontrar formas de reduzi-la ou eliminá-la. Este campo de investigação revelou-se altamente sensível às mudanças históricas e às circunstâncias locais, permitindo-lhe manter a autonomia e a direção central. A mudança

social desafia frequentemente os paradigmas existentes na investigação para a paz, levando à exploração de novos caminhos de investigação. Outras vezes, os desenvolvimentos históricos confirmam as agendas existentes. Independentemente do contexto, o diálogo e o confronto com a realidade da paz moldam e influenciam o desenvolvimento deste campo, conferindo-lhe imagens diferentes em situações diferentes (WALLENSTEEN, 2001, pg. 9-10).

Os métodos utilizados na investigação para a paz também mudam, refletindo a evolução da ciência. O foco regional varia porque diferentes partes do mundo têm prioridades diferentes em relação aos conflitos e à sua gestão, bem como diferentes visões de paz.

Seguindo a visão de Johan Galtung, o campo dos estudos para a paz não se limita à análise das possibilidades de paz no contexto das relações internacionais ou dos conflitos interestatais. Galtung argumentou que inúmeras linhas divisórias atravessam a humanidade, criando vários graus de integração e tendências violentas, mas apenas algumas delas são fronteiras nacionais (GALTUNG, 1964).

A investigação para a paz é caracterizada por uma abordagem normativa, incluindo três ramos epistemológicos diferentes, conforme proposto por Galtung: I. Investigação empírica para a paz: Estes estudos baseiam-se no empirismo e envolvem um sistema de teoria e realidade empírica (dados), revisando as teorias, quando o fazem, são inconsistentes com os dados. Nesse caso, os dados têm precedência sobre a teoria. II. Investigação crítica para a paz: Estes estudos têm uma base crítica e envolvem a comparação sistemática da realidade empírica e dos valores. Eles buscam mudar as realidades incompatíveis com seus valores por meio de palavras e ações, priorizando valores em detrimento de dados. III. Estudos Construtivos da Paz: Estes estudos baseiam-se na construção pragmática da paz, que Galtung denomina de construtivismo² e envolvem uma comparação sistemática de teorias com valores. Procuram adaptar a teoria para alinhá-la aos valores, criando uma visão de uma nova realidade em que os valores têm precedência sobre a teoria (GALTUNG, 1996, pg. 9-10).

A intersecção destas vertentes epistemológicas fornece uma base sólida para uma compreensão profunda da paz e da violência, permitindo um exame crítico e abrangente destes conceitos fundamentais. Os estudos para a paz não apenas analisam a dinâmica da paz

² "Constructive peace studies takes theories about what might work and brings them together with values about what ought to work; this is what architects and engineers are doing, coming up with new habitats and constructions in general. If they had been empiricists only, they would have been content with empirical studies of caves and of the carrying capacity for human beings; if they had been critics only, they would have been content with declarations deploring the shortcomings of caves and humans. Constructivism transcends what empiricism reveals, and offers constructive proposals. Criticism is an indispensable bridge between the two. There has to be motivation, anchored in values." (GALTUNG, 1969, p. 11)

e da violência, mas também procuram ativamente promover uma cultura de paz baseada na justiça, na igualdade e na transformação de conflitos. Este campo multidisciplinar continua a desempenhar um papel vital na busca de um mundo mais pacífico e harmonioso.

1.2. A Definição de Paz e Suas Dimensões

Ao nos referirmos ao conceito de paz, é importante ter em mente que ele não pode ser reduzido à mera ausência de guerra. É o que afirma Johan Galtung, especialista na área. Para ele, a paz só é alcançada quando são alcançados objetivos sociais exigentes, mesmo que a continuação deles seja complexa. Apenas evitar a violência não é suficiente para se qualificar como paz (GALTUNG, 1969).

Segundo o ponto de vista de Galtung, a justiça social pode ser alcançada considerando a paz não apenas como um fim em si mesma, mas também como um meio. Isto implica que a paz não é apenas um conceito fantasioso, mas pode realmente ser alcançada se a violência estrutural for reduzida através de esforços concertados.

A paz é mais do que apenas estar livre de violência, de acordo com Galtung. Ele a vê como a “transformação não violenta e criativa do conflito”, juntamente com a “ausência/redução de todos os tipos de violência” (Galtung, 1996). Isto significa que, alcançar a paz, deve ser dada atenção às diferentes formas de violência, tanto a nível micro como a nível macro da sociedade. Como resultado, os Estudos para a Paz analisam não apenas a guerra, mas também examinam tópicos relacionados com a violência, a desigualdade, a justiça, a reconciliação e a transformação de conflitos.

Não se limita a uma dimensão singular a compreensão da paz nos EPP. Galtung (1969) diferenciou a paz entre paz positiva e paz negativa, sendo a paz negativa a ausência de violência direta, significando que indivíduos ou grupos não estão envolvidos em conflitos violentos. A interpretação convencional da paz como ausência de guerra ou violência intencional está normalmente ligada a esta dimensão.

A paz positiva, por outro lado, significa mais do que apenas evitar conflitos físicos, envolve também acabar com a violência estrutural, e aí entra também a questão da Paz Cultural. Como veremos no próximo tópico, existe a violência cultural, e oposto a isso, está a paz cultural, que segundo Galtung, se dá pela justificação e legitimação da paz direta e da paz estrutural, por meio de aspectos culturais. Em essência, a paz positiva se esforça para

construir uma comunidade justa e mais equitativa, onde a liberdade, a solidariedade e a falta de preconceitos floresçam (GALTUNG, 1973).

1.3. A Compreensão da Violência

A definição de violência nos estudos para a paz também é fundamental. Galtung define a violência como o resultado da discrepância entre o potencial e o alcançável. Isto significa que a violência ocorre quando a situação resultante fica abaixo dos objetivos a serem alcançados e é evitável (GALTUNG, 1969). Por outras palavras, mesmo quando existem meios para alcançar melhores resultados, a violência manifesta-se quando as condições não são otimizadas. Além da violência direta relacionada a ações físicas prejudiciais, Galtung também promoveu os conceitos de violência comportamental estrutural e violência cultural .

A violência estrutural refere-se a situações em que o comportamento rotineiro e normal de instituições ou estruturas sociais prejudicadas pelas pessoas, muitas vezes de forma não intencional. Isto pode ocorrer através da opressão econômica, política ou social. A violência cultural , por outro lado , envolve cultura , ideologias e símbolos que podem ser usados para causar ou legitimar a violência direta ou estrutural . Manifesta-se na religião, ideologia , linguagem , arte e outros aspectos simbólicos da sociedade (GALTUNG, 1990).

Esses tipos de violência – direta , estrutural e cultural – estão frequentemente interligados, formando um ciclo vicioso. Compreender a violência é fundamental para os estudos sobre a paz, porque a sua eliminação é um passo fundamental na busca da paz. Isto está diretamente relacionado com a construção de uma cultura de paz baseada em valores como interdependência, solidariedade e consciência (WEIGERT, 1999).

1.4. A Natureza do Conflito

Nos estudos para a paz , o conceito de conflito tem sido amplamente discutido em diversos aspectos. Grotten e Jansen (1981) definem conflito como uma situação em que objetivos irreconciliáveis competem pelo domínio. Estes objetivos podem surgir de interesses concorrentes dentro e entre sociedades. Esta visão ampla do conflito vai além da guerra e do conflito armado. Desta maneira, conforme definido por Galtung, o conflito é entendido como um complexo (ou triângulo) que envolve três vértices, atitudes/suposições, comportamento e

contradição. Sendo o primeiro, a percepção que as partes possuem uma da outra, o segundo, o comportamento que cada parte pode ter, sendo violência ou conciliação, e o terceiro seria a conjuntura estrutural do conflito. Os Estudos para a Paz, então, procuram compreender estes elementos para abordar os conflitos de forma mais eficaz (GALTUNG, 1996; RAMSBOTHAM, WOODHOUSE, MIAL, 2005).

Além disso, os estudos para a paz reconhecem que o conflito não é prejudicial em si. Em muitos casos, o conflito pode ser uma força construtiva que contribui para o progresso social. O que precisa ser superado, no entanto, é a violência associada ao conflito. Neste contexto, a paz é vista como uma busca ativa que visa manter/restaurar a paz (peacekeeping) e construir a paz (peacebuilding), através da criação de estruturas sociais mais justas e igualitárias (BARASH, WEBEL, 2002).

Em última análise, os Estudos para a Paz, segundo Galtung, nos oferecem uma perspectiva holística da paz, da violência, da guerra e do conflito. Nos desafiam a repensar nossa compreensão de paz e conflito, promovendo uma cultura de paz baseada em valores como justiça, igualdade e transformação/tratamento pacífica de conflitos.

1.5. Perspectivas da Paz: Unindo Tradições para um Futuro Harmonioso

Construir uma ideia de paz é uma jornada complexa e multifacetada. É difícil definir universalmente o que a paz representa, porque a paz se manifesta de forma diferente em diferentes culturas e filosofias. Contudo, ao abordar a questão de forma holística, pensando tanto nas tradições orientais como nas ocidentais, abrimos um horizonte para além de uma perspectiva ocidental. Na filosofia grega, encontramos uma visão única de paz que associa a paz à ausência de conflito civil baseada em princípios morais. Esta abordagem, abraça o conceito de cidadania mundial expresso por figuras como Platão e Sócrates. No seu discurso em Protágoras, Platão apela à unidade humana universal, afirmando que somos todos parentes e cidadãos, não impostos pela lei, mas pela nossa natureza interior (PLATÃO apud STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2013, s.p.).

A visão de paz desenvolveu-se ainda mais com o surgimento do racionalismo mundial. Immanuel Kant, influenciado por seu antecessor Saint-Pierre, delineou uma ideia de paz, incluindo todas as nações em uma paz mundial universal governada por acordos e instituições internacionais (FERRAZ, 2011). Kant acreditava que a paz poderia ser alcançada definindo os direitos dos Estados soberanos no sistema internacional e evitando a interferência de governos estrangeiros. O pensamento de Kant teve um impacto profundo e

duradouro em várias tendências da ciência política. Em primeiro lugar, especificamente a base da teoria da paz democrática, que afirma que as democracias tendem a evitar conflitos armados entre si. Em segundo lugar, influenciaram o internacionalismo liberal, que defende uma intervenção de estados liberais e outros estados soberanos, para promover a liberdade política e econômica (FERRAZ, 2011). A visão de Kant, também abriu caminho para a discussão do papel do comércio na promoção da paz. Norman Angell, em seu livro “A Grande Ilusão”, argumentou que o comércio moderno tornou-se uma guerra economicamente inviável, porque os custos resultantes da morte superavam os benefícios da conquista.

No início do século XX, surgiu uma quarta tradição, misturando influências orientais e ocidentais. Mahatma Gandhi desempenhou um papel fundamental na introdução da teoria e prática da ação não violenta (satyagraha) na Índia e no mundo. Gandhi combinou elementos do Hinduísmo, do Tolstoísmo, do Cristianismo Quaker e da desobediência civil Thoreauviana, enfatizando a não-violência, a compaixão e a tolerância como meios para alcançar a paz (YOUNG, 2013). Durante o desenvolvimento da tradição ocidental, das perspectivas filosóficas gregas e das abordagens contemporâneas da paz, surgiram uma variedade de perspectivas. A paz não pode limitar-se a uma única definição, pois é multifacetada e adapta-se a diferentes contextos culturais e históricos.

Ao integrar essas diversas perspectivas, somos convidados a construir uma cultura de paz que transcenda as barreiras culturais e promova a coexistência da paz num mundo globalizado. A combinação destas tradições faz-nos pensar na necessidade de um futuro harmonioso, onde a paz não seja apenas a ausência de conflitos, mas um estado de compreensão, respeito e cooperação entre os povos. Ao longo deste caminho, a não violência e a busca da verdade inspiradas no pensamento de Gandhi, podem servir de farol para uma humanidade que anseia pela paz.

2. A SEGURANÇA HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES

Embora as abordagens tradicionais de segurança se concentrem principalmente na segurança nacional, especificamente contra ameaças militares, a Segurança Humana alarga o seu foco para ter em conta a vasta gama de ameaças enfrentadas pelos indivíduos e comunidades. Esta abordagem chega à raiz da insegurança e enfatiza a importância de soluções centradas nas pessoas, focadas localmente, abrangentes e sustentáveis. Envolve uma variedade de intervenientes, incluindo comunidades locais, organizações internacionais, sociedade civil e, mais importante ainda, os Estados. Entretanto, deve-se considerar que a

Segurança Humana não se destina a substituir a segurança nacional, mas sim, a complementar.

Como afirma a Comissão de Segurança Humana (CHS), "A segurança humana e a segurança nacional reforçam-se mutuamente e são interdependentes. A segurança nacional não pode ser alcançada sem a segurança humana e vice-versa" (Comissão de Segurança Humana, 2003 , página 6). Desta forma, a Segurança Humana reconhece que problemas como crises econômicas, problemas de saúde e desastres naturais, podem resultar em inseguranças e privações, resultando assim, em situações que não apenas desfazem anos de desenvolvimento, mas também criam condições propícias a crescentes tensões. Assim, para além do foco no bem-estar humano, a segurança humana também é impulsionada por valores relacionados à segurança, estabilidade e sustentabilidade dos ganhos para o desenvolvimento.

Em muitos casos, graves violações dos direitos humanos desencadeiam conflitos, deslocamentos em massa e imenso sofrimento humano. Assim, a Segurança Humana destaca a universalidade e a importância de uma série de direitos e liberdades básicos para a vida humana. Desta maneira, não se faz qualquer distinção entre as diferentes categorias de direitos humanos – sejam eles civis, políticos, econômicos, sociais ou culturais – abordando assim as violações e ameaças aos direitos humanos de uma forma multifacetada e abrangente.

Também introduz um quadro prático para identificar os direitos específicos em risco em uma determinada situação de insegurança e para considerar os mecanismos institucionais e de governança necessários para protegê-los e garantir sua sustentabilidade.

TABELA 1: POSSÍVEIS TIPOS DE AMEAÇAS À SEGURANÇA HUMANA

TIPOS DE SEGURANÇA	EXEMPLOS DE AMEAÇAS PRINCIPAIS
Econômica	pobreza persistente, desemprego
Alimentar	fome, desnutrição
Sanitária	doenças infecciosas mortais, alimentos inseguros, falta de acesso a cuidados básicos de saúde
Ambiental	degradação ambiental, esgotamento de recursos, desastres naturais, poluição
Pessoal	violência física, crime, terrorismo, violência doméstica, trabalho infantil
Comunitária	tensões interétnicas, religiosas e outras tensões baseadas na identidade
Política	repressão política, abuso dos direitos humanos

(FINAL HUMAN SECURITY HANDBOOK, 2009, p. 7)

Estas ameaças à segurança humana também estão interligadas de muitas maneiras, elas se alimentam e se interconectam, criando assim, um efeito dominó. Por exemplo, conflitos violentos podem levar à pobreza, que podem levar a vários tipos de doenças, criando uma rede complexa de inseguranças interdependentes. Isto destaca a necessidade de uma abordagem abrangente e colaborativa.

2.1. O Paradigma Emergente da Segurança Humana

A Comissão de Segurança Humana revela a necessidade de um novo paradigma de segurança. Isto está a tornar-se cada vez mais evidente à medida que as ameaças à segurança se tornam cada vez mais complexas e interligadas, e já não se limitam à agressão militar externa. As ameaças atuais abrangem uma vasta gama de desafios, desde a pobreza crónica e a violência estrutural até às alterações climáticas e às epidemias de saúde. Tais ameaças, transcendem os conceitos tradicionais de segurança nacional e bloqueiam uma abordagem mais abrangente que reconheça as interligações entre desenvolvimento, direitos humanos e segurança nacional (THE FINAL HUMAN SECURITY HANDBOOK, 2009, p. 9).

A definição de segurança humana da CHS busca proteger o núcleo vital de toda a vida, com foco na expansão da liberdade e da realização humana. Este conceito coloca a segurança dos indivíduos em primeiro lugar, protegendo-os de ameaças graves e generalizadas. Isso significa, então, a adoção de uma abordagem baseada nos pontos fortes e nas aspirações das pessoas e na criação de instituições que proporcionem uma base para a sobrevivência, a subsistência e a dignidade. A segurança humana coloca o indivíduo no centro da análise. Isto implica ter em conta, as condições que ameaçam a sobrevivência e a dignidade e determinar os limites a partir dos quais a vida humana se torna intolerável.

2.2. Proteção e Empoderamento

De acordo com a CHS, a segurança humana também se baseia em dois pilares essenciais: proteção e empoderamento. A proteção envolve estratégias desenvolvidas por Estados, organizações internacionais, organizações não governamentais e pelo setor privado para proteger as pessoas de ameaças graves e generalizadas. A responsabilidade principal cabe aos Estados, mas a cooperação multilateral desempenha um papel vital na prevenção de ameaças. Isto envolve o estabelecimento de normas, processos e instituições para manter as

peessoas seguras diante de ameaças complexas. O empoderamento, por sua vez, centra-se no desenvolvimento da capacidade dos indivíduos e das comunidades para fazerem escolhas informadas e agirem para a sua própria segurança. Isto não só permite que as pessoas alcancem seu pleno potencial, mas também permite que contribuam para soluções que mantenham a humanidade segura. O que acaba por formar agentes ativos de mudança, e também confirmar a sua importância na construção de sociedades resilientes e seguras. (FINAL HUMAN SECURITY HANDBOOK, 2009).

Portanto, o conceito de “Segurança Humana” não apenas se desvia das abordagens tradicionais de segurança, desenvolvimento humano e direitos humanos, mas também representa uma evolução fundamental. Pois aborda as interconexões complexas entre essas áreas e promove uma compreensão mais abrangente da segurança, colocando as pessoas no centro de análise.

2.3. Implementação prática da Segurança Humana

A implementação prática da segurança humana requer uma abordagem multidisciplinar e coordenada. Começa por identificar ameaças específicas que afetam a vida e a dignidade das pessoas em determinadas situações, realizando então, uma análise detalhada, levando em consideração a ampla gama de inseguranças existentes.

Além disso, a segurança humana enfatiza a importância da colaboração e cooperação entre as diferentes partes interessadas. Isto inclui não apenas os Estados, mas também as organizações internacionais, a sociedade civil e as próprias comunidades afetadas. Esta abordagem frequente de que a segurança humana não pode ser alcançada através de uma ação unilateral, mas requer a cooperação de todos os intervenientes relevantes (FINAL HUMAN SECURITY HANDBOOK, 2009). A segurança humana também enfatiza a prevenção, buscando identificar e abordar as causas profundas da insegurança, em vez de apenas responder às crises. Isto ajuda a construir sociedades mais estáveis e resilientes. (FINAL HUMAN SECURITY HANDBOOK, 2009).

Em resumo, a segurança humana é uma abordagem inclusiva e que confirma a importância de proteger e promover todos os tipos de direitos humanos. Isso ajuda a garantir que as soluções sejam abrangentes e justas. A humanidade não só aborda ameaças grandes e generalizadas, mas também confirma a importância de abordar suas causas profundas, para que os indivíduos e as comunidades possam prosperar em ambientes seguros e obter resultados.

3. EMANCIPAÇÃO NA SOCIEDADE

3.1. A Evolução do Cenário Internacional

As questões de segurança internacional mudaram significativamente desde a Guerra Fria. No passado, a ameaça soviética e o equilíbrio estratégico foram as principais preocupações. Hoje em dia, no entanto, acredito que o foco tenha mudado para diferentes desafios, como a tecnologia militar moderna e as questões ambientais. A guerra interestatal está em declínio histórico à medida que as motivações tradicionais para a guerra, como a conquista de território, se tornam praticamente obsoletas. A violência neste caso, acaba por se deslocar e construir um maior foco voltado para os conflitos internos, na sociedade.

O termo "mundo pós-Guerra Fria" é comumente usado, mas limitado em sua aplicação. O fim da Guerra Fria, embora tenha marcado uma transição importante, é apenas um aspecto do panorama internacional em constante mutação. Há uma série de tendências que caracterizam o cenário atual, tais como a interdependência complexa, a erosão da soberania, avanços nas comunicações e tecnologia, mudanças na economia global, entre outros. Essas tendências estão redefinindo a natureza das relações internacionais, tornando o termo "pós-Guerra Fria" insuficiente para captar a complexidade do momento presente (BOOTH, 1991).

A relação entre imagem e realidade desempenha um papel fundamental nas relações internacionais. Como disse Kenneth Boulding: “Somos como somos porque nos tornamos assim”. A nossa percepção do mundo internacional, então, acaba por influenciar a forma como nos comportamos e respondemos às decisões globais. Se nos apegarmos a imagens e paradigmas ultrapassados, corremos o risco de repetir os erros do passado. Portanto, devemos adaptar as nossas compreensões às mudanças que ocorrem no mundo contemporâneo. O panorama internacional está sofrendo grandes mudanças, desafiando nossos conceitos tradicionais de poder, segurança e política internacional. A emancipação então, é entendida como a capacidade de compensar nossas imagens e padrões de compreensão, tornando-se a base para a adaptação a esse novo ambiente.

3.2. Realismo Utópico: Uma Nova Abordagem para a Segurança

O conceito de realismo utópico propõe uma convergência de ideias a partir de diversas fontes teóricas, incluindo (BOOTH, 1991) a Escola da Sociedade Mundial, o pensamento alternativo de segurança, as relações internacionais clássicas, a teoria crítica, a pesquisa para

a paz, os estudos estratégicos e o neo-realismo. Esse ponto de convergência busca uma compreensão abrangente da segurança global, indo além das limitações das abordagens tradicionais. A lógica seria não mais pensar em um sistema internacional, que é visualizado principalmente por uma estrutura de Estados compostos hierarquicamente, mas em uma Sociedade Mundial que considera os diversos atores e supera, transcende, a lógica limitante estatista. Por isso Booth denomina de Realismo Utópico.

A diferença mais significativa entre o realismo utópico e a segurança tradicional é sua abordagem holística e não estatista. Embora as perspectivas de segurança tradicionais tendem a centrar-se nas ameaças territoriais e militares, o realismo utópico admite que as ameaças contemporâneas são mais amplas e complexas. Isto inclui o colapso econômico, a repressão política, a escassez, a competição étnica, a gestão ambiental, o terrorismo, o crime e as doenças. Muitas dessas ameaças, estão enraizadas em problemas internos dos países, tornando insuficiente o foco apenas nas forças estrangeiras para enfrentar os desafios de segurança globais.

Segundo (BOOTH, 1991), o realismo utópico é uma tendência filosófica caracterizada por uma fusão aparentemente contraditória entre o realismo pragmático e uma visão idealizada de uma sociedade utópica. Para ele, uma transformação social eficaz não pode ser alcançada através da destruição completa das estruturas existentes, mas sim, através de uma abordagem pragmática que integra elementos reais e utópicos de forma sinérgica. Esta abordagem tenta transcender as limitações do pensamento binário, que muitas vezes separa o possível do ideal.

O cerne do realismo utópico, diz respeito à realidade concreta da condição humana e das estruturas sociais existentes. Ao abraçar o realismo, esta tendência aceita as limitações, imperfeições e complexidades do mundo de hoje. Contudo, o realismo utópico não aborda estas limitações, mas antes utiliza-as como ponto de partida para desenvolver visões prospectivas e soluções inovadoras. Uma característica distintiva deste pensamento é que, a utopia não é um estado final alcançado, mas um horizonte em constante movimento.

3.3. A Relação entre Emancipação e Segurança

A partir da perspectiva do realismo utópico, a emancipação é fundamental. Ela significa a libertação dos indivíduos e grupos de restrições físicas e sociais que os impedem de fazer escolhas livres (BOOTH, 1991). De acordo com esta abordagem, o verdadeiro conceito de segurança está intrinsecamente ligado à emancipação. Segundo Ken Booth, a

verdadeira segurança só pode ser alcançada quando as pessoas não privam os outros de sua segurança. Neste contexto então, a segurança significa a ausência de ameaças, enquanto a emancipação, procura remover as restrições que limitam a liberdade de ação.

A tradição neorrealista que domina a política internacional enfatiza a dinâmica entre os Estados e a importância do poder. No entanto, a tradição da teoria crítica deu uma contribuição significativa ao realismo utópico ao afirmar que a política mundial é um domínio aberto e baseado na ética. Neste contexto, a estratégia não é apenas uma análise de variáveis técnicas na política internacional, mas uma extensão da filosofia moral com um componente de poder (BOOTH, 1991).

Esta mudança nas perspectivas de segurança, coloca a ética no centro da discussão e redefine o conceito de segurança como algo além das construções tradicionais. A liberdade é um valor fundamental da emancipação, mas esta abordagem implica uma compreensão igualitária da liberdade. Promover a reciprocidade de direitos, demonstrando que a verdadeira liberdade só pode ser alcançada quando todos são livres, é o que podemos chamar de emancipação. Isto tem implicações tanto para a política interna como para as relações internacionais, quebrando barreiras entre as políticas externas e internas (BOOTH, 1991).

Na prática, a busca pela emancipação requer uma abordagem centrada no processo que visa construir uma comunidade global que elimine barreiras entre “nós” e “eles”. Isto envolve não apenas mudanças estruturais, mas também mudanças na forma como o conteúdo acadêmico é entregue, nas agendas das conferências e no apoio a organizações que defendem as comunidades em todo o mundo, como o Greenpeace, a Amnistia Internacional e a Oxfam, por exemplo.

Numa perspectiva realista utópica, a segurança global é uma questão complexa que envolve não só a proteção contra as alterações tradicionais, mas também a procura da emancipação e da justiça (BOOTH, 1991). Esta abordagem desafia o status quo das relações internacionais e destaca a importância da ética e da comunidade internacional. A partir deste ângulo, a construção de um mundo mais seguro, depende da emancipação de pessoas e grupos, a fim de se livrarem das restrições que limitam sua liberdade e também, a partir da promoção de uma compreensão de liberdade igualitária.

4. PROJETO UNIVERSIDADE EM AÇÃO (PUA)

Ingressei no projeto como voluntária no meu segundo período do curso de Relações Internacionais na UEPB, respectivamente em fevereiro de 2021, de modo ainda remoto por

conta da pandemia do COVID-19. Não consegui me engajar tanto nesta modalidade, portanto, apenas em abril de 2022, quando a modalidade presencial retornou, consegui me engajar mais e me tornar uma membra mais ativa no PUA.

O projeto inicialmente denominado "UNIVERSIDADE NO CRISTO/RANGEL: Educação como geradora de segurança humana," posteriormente conhecido como Projeto Universidade em Ação (PUA), teve sua origem em 2011, quando o campus V da UEPB, previamente localizado em Tambiá, foi realocado para o bairro do Cristo Redentor. Este bairro já era amplamente reconhecido pelas mídias devido à alta taxa de violência, o que naturalmente gerou insegurança entre alunos, professores e funcionários da universidade.

Nesse contexto desafiador, o projeto surgiu com a missão de investigar a natureza da insegurança enfrentada, suas raízes, manifestações e consequências. Além disso, buscava capacitar e mobilizar indivíduos para enfrentar essa insegurança de maneira proativa e prática. A abordagem envolvia uma integração efetiva com a comunidade local, incluindo visitas às escolas, com o propósito de evitar que os membros da universidade se tornassem vítimas passivas da insegurança. Em vez disso, (KUHLMANN et. al. 2018) o projeto se dedicava a identificar as verdadeiras fontes da insegurança e implementar ações que promovessem a emancipação da comunidade, substituindo o mero assistencialismo por um envolvimento mais profundo e participativo.

A gente vive numa sociedade muito egoísta, e às vezes simplesmente esquecemos de olhar para as pessoas que realmente precisam de atenção. Dentro da universidade, existe muito essa questão de considerar o intelectual, o acadêmico, mais importante. Precisamos olhar para a sociedade e tentar transformá-la de alguma forma. Há sociedades que são estruturalmente mais desfavorecidas e precisamos olhar com mais atenção, afeto e cuidado para elas. (membra ativa do PUA há três anos a meio)

O Projeto Universidade em Ação (PUA) é fundamentado em uma sólida base teórica que abrange diversos assuntos ligados à Segurança Internacional. O cerne do projeto reside nos Estudos para a Paz, que abrange a cultura de paz, na Segurança Humana e na Emancipação. No que diz respeito aos estudos para a paz, o PUA se dedica a explorar teorias e práticas que visam a prevenção e resolução de conflitos, bem como a construção de sociedades mais pacíficas. Isso envolve a análise de fatores que levam à violência e o desenvolvimento de estratégias para mitigá-los.

A cultura de paz é um pilar essencial do projeto, buscando disseminar valores, atitudes e comportamentos que promovam a harmonia e a não violência. Isso é alcançado através de atividades lúdicas, artísticas e educacionais que incentivam a resolução pacífica de

conflitos e a compreensão intercultural. A segurança humana também é central para o PUA, envolvendo a proteção e promoção dos direitos e bem-estar de cada indivíduo. Isso inclui a busca por um ambiente seguro e saudável para todos os membros da comunidade. A emancipação também, acaba sendo um conceito-chave, pois o projeto se esforça para capacitar as pessoas a se tornarem líderes de suas próprias vidas e comunidades. Isso é realizado através de atividades que incentivam a autodescoberta, o desenvolvimento de habilidades e a criação de identidades próprias.

A gente dissemina a cultura de paz entendendo aquelas pessoas como pessoas que infelizmente vivem em sociedades, em lugares onde há essa violência exacerbada, mas que podem e devem ter a oportunidade de tratarem esses conflitos a partir também dessa independência. A gente dissemina porque a gente acredita nessa independência do outro e a gente olha para o outro. Porque nada faria sentido se a gente fizesse isso impondo, então eu acho que, a ideia da cultura de paz é sobre dar possibilidades para o outro de crescer, de evoluir, trabalhar o seu eu individualmente e coletivamente, transcendendo seu conflito interno e externo, mas entendendo que os conflitos fazem parte da nossa sociedade e a gente precisa cuidar deles antes que se tornem violentos. (membra ativa do PUA há três anos e meio)

A implementação prática desses conceitos ocorre através de intervenções diretas na comunidade e nas escolas. O uso de abordagens lúdicas, como palhaçaria e brincadeiras, teatro, contação de histórias, oficinas de bonecos, círculos de diálogo e letramento visa não apenas transmitir conhecimento, mas também promover a autoexpressão e a participação ativa. Isso não apenas melhora a qualidade de vida das pessoas envolvidas no projeto, mas também demonstra que existem caminhos alternativos para o desenvolvimento além das circunstâncias em que vivem.

O aspecto lúdico faz toda a diferença, é o nosso cartão de visita. A gente não chega com um discurso chato, acadêmico. Na verdade existe esse discurso, mas a gente sabe transformar em algo palpável, em algo que dá para projetar na imaginação, algo que se torna gostoso de acreditar. A ludicidade tem haver com tudo isso, da gente falar sobre algo e propor algo, ao mesmo tempo que o observar desse algo se dê em outro universo, podemos dizer assim, que não seja apenas o universo acadêmico. (membro e um dos pioneiros do PUA, ativo desde o início do projeto)

O PUA visa empoderar as pessoas, ajudando-as a descobrir seu potencial, construir sua identidade e liderar suas comunidades. Ao fazer isso, o projeto demonstra que existem oportunidades e possibilidades para além das adversidades que enfrentam, promovendo um futuro mais pacífico.

Eu acho que a transformação começa pelo afeto, e na prática, a gente faz atividades que fazem com que crianças, jovens, adultos, possam ter a oportunidade de se revisitar, e colocar coisas para fora. A gente sempre aprende a reprimir os nossos sentimentos, então com as atividades artísticas seja palhaçaria, moda, dança de roda, letramento, yoga, ... Tudo isso mexe com um lado artístico das pessoas e faz com que elas reconheçam habilidades que talvez não sabiam que tinham e também aprendem novas coisas. (membra ativa do PUA há três anos e meio)

Abordando brevemente sobre as oficinas e atividades promovidas pelo PUA, falarei a respeito de cada uma delas: a palhaçaria, é uma jornada de conhecimento, onde os participantes precisam se conectar com sua criança interior, explorando memórias da infância, gostos e desgostos. Ao criar o palhaço, busca-se a auto descoberta, e ao estender essa oficina para a comunidade e escolas, o objetivo é incentivar crianças e adolescentes a se conhecerem melhor, rirem e descobrirem melhor a sua própria identidade.

Na Oficina de Bonecos, a utilização de materiais recicláveis permite que os participantes construam seus próprios bonecos, estimulando a criatividade e a auto-identificação. A diversidade de criações reflete a singularidade de cada pessoa, promovendo a compreensão de que não há padrões predefinidos de beleza.

A Contação de Histórias, focada nas crianças menores, utiliza música, poesia, fantoches e teatro para inspirar valores como empoderamento, criatividade, afeto e amor.

A Arte em Parede ou Grafite proporciona aos alunos a oportunidade de expressar sua criatividade, incentivando aqueles com talento artístico a usarem suas habilidades para impactar positivamente a si mesmos e a sociedade.

A Oficina de Moda, além de empoderamento, ensina também sobre sustentabilidade, encorajando os participantes a se vestirem de forma consciente, buscando alternativas mais baratas e sustentáveis para se vestirem da forma que gostam. No Letramento, o foco vai além do ensino de leitura e escrita, abordando também dificuldades em outras disciplinas escolares.

O impacto do pua, ao mesmo tempo que a gente consegue ver ele muito grande, em simples ações a gente vê ele. Nas ações na comunidade Santa Clara, a gente já conseguiu notar a melhora e evolução em algumas crianças, não no quesito apenas do letramento, mas no quesito delas se entendendo como identidade, elas tinham a ideia de que não eram vistas antigamente e agora isso mudou, elas passaram a ser vistas. (membra ativa do PUA há dois anos e meio)

O Círculo de Diálogo, cria um ambiente seguro para que todos possam compartilhar suas experiências, dores e felicidades, promovendo união e, por vezes, resolvendo conflitos de maneira construtiva.

O que mais gosto de fazer no PUA, acho que é poder promover alguma transformação... E um caso de transformação, até sensível, mas que foi muito importante para mim, foi na condição de supervisora do projeto em 2019, em que uma das alunas se sentiu confortável para retirar a sua “armadura” que era o casaco dela, durante os círculos, o qual justamente ela usava por ter um histórico de violência física e sexual, e ao retirar essa armadura, foi a forma dela noticiar que alguma transformação ocorreu ali. Então acho que o que eu mais gosto são esses pontos em que eu consigo perceber a ação que eu desenvolvi junto com outras pessoas, mas que criou espaços seguros para essas pessoas se colocarem livremente como desejam, quer expressando alguma emoção, algum sentimento, ou alguma felicidade para comigo diretamente ou para com o trabalho que em alguma medida eu tenha colaborado para que ocorresse. (membra do PUA desde 2011)

A partir do que foi abordado durante as três primeiras partes deste artigo, conseguimos ver a partir do que foi comentado acima, como o PUA atua de forma a captar a base teórica dos EPP, da Segurança Humana e da Emancipação e aplicar na comunidade. Assim como os Estudos para a Paz, o PUA acredita na paz como algo além da cessação dos conflitos, a paz, não é a ausência de conflitos/guerras, e sim, a sua transformação, que Galtung nomeia como paz positiva. Então, não atuamos olhando para o fim, e sim para os meios que geram os fins, colocando as pessoas, as crianças, os adolescentes, no centro da análise, como o ponto de partida, assim como a segurança humana, fazendo com que entendam que os conflitos nunca vão deixar de existir, porém, eles podem ser tratados de forma não violenta e positiva.

Desta forma, utilizando da arte e do lúdico, que é um forma convidativa, mais informal e acolhedora para poder criar maior interação com o público alvo, o PUA, por meio das dinâmicas e atividades citadas acima, cria oportunidades de autoconhecimento e identificação, desta forma, criando uma rede de empoderamento, um dos pilares da segurança humana, como vimos. Por conseguinte, conseguimos um processo de emancipação dessas pessoas, onde elas, a partir de se autoconhecerem melhor e de criarem suas próprias identidades, conseguem começar a enxergar a sua liderança, as suas habilidades e as oportunidades que elas mesmas podem criar a partir disso, tanto para ela, tanto para a comunidade, a partir do afeto também, algo muito disseminado no PUA. As pessoas passam a aprender a cuidar não apenas de si, mas dos outros também, a se emancipar, e ajudar os outros a se emanciparem também, criando assim, uma união dentro da comunidade.

4.1. Vivências da Trajetória

Durante o tempo que passei atuando no PUA, no período da graduação, aprendi muito sobre a minha pessoa e sobre como ter um cuidado de si, a partir das oficinas de teatro, de bonecos, dos círculos de diálogo, dos cursos de cultura de paz, mas principalmente durante as oficinas de palhaçaria, onde pela primeira vez em muito tempo, tive a oportunidade de desafiar a mim mesma, pensando no que nunca tinha pensado, sobre a minha infância, sobre quem eu fui, sobre quem eu quero ser.

A jornada de descobrir e construir a sua(seu) palhaça(o) é muito linda. Quando eu conheci a palhaçaria, já tinha um bom tempo no projeto, me apaixonei imediatamente, eu ia para as mobs e assistia tanto ao professor Paulo como os outros palhaços que fazem parte do PUA e ficava encantada, queria poder fazer parte daquilo também. Eu amo os exercícios que são feitos, e é muito uma questão de se descobrir também, saber quem é o seu eu verdadeiro, como o professor fala, descobrir a sua palhaça, é uma jornada muito íntima e profunda. Eu também me considero uma pessoa introvertida, eu consigo me soltar mais e ser mais extrovertida quando estou junto de pessoas que já sou familiarizada, porém em público, eu sou muito tímida. A palhaçaria me ajudou bastante com isso, você se fantasia, coloca o nariz, se pinta e tudo o que te faz ter vergonha some, você se expõe ao ridículo não mais com o sentimento de vergonha, mas com o sentimento de orgulho, é o orgulho do ridículo, então nada mais te abala.

Mas não apenas aprendi sobre mim, aprendi muitos sobre os outros, tanto compartilhando relatos com as pessoas internas ao PUA como as externas, nas escolas e comunidades, poder ver que o que a gente apenas enxerga é muito superficial, e que devemos conhecer e dar importância para as outras pessoas e para a história de cada uma. Porém, ao que vejo, isso apenas acontece quando a gente chega nos locais com o sentimento de equidade. Para que haja trocas e que possamos aprender uns com os outros, a gente precisa se colocar de igual para igual - é uma questão da emancipação, de eliminar as barreiras entre “nós” e “eles”- construindo um sentimento de união e de confiança entre o PUA e as pessoas dos locais onde estamos atuando, e isso é muito da lógica e dinâmica que se é utilizada.

Eu aprendi muito a abraçar a minha criança aqui. Eu acho que é também um pouco disso, a gente enquanto um coletivo, o projeto, que trabalha junto, a gente aprende junto a cuidar um do outro e a cuidar de si, para daí ir para as ruas e cuidar dos outros. E é muito daquela lógica freiriana mesmo, de que a gente não é maior do que aquelas pessoas, a gente tem que partir de igual para igual, e acabamos aprendendo muito com elas também. Então eu acho que são práticas que na verdade ajudam a gente a construir nossas

identidades, a se emancipar socialmente, politicamente, pessoalmente, e ajudam a gente a descobrir e a buscar novas habilidades. (membro ativo do PUA há três anos e meio)

Nas escolas mesmo onde tive a oportunidade de ir, consegui ver as mudanças proporcionadas pelo projeto, primeiramente quando a gente chega, a primeira impressão por parte dos alunos já é um impacto, porque é um diferencial, uma quebra da rotina deles de horas e horas de aula, e a gente chega gritando, roubando a atenção deles, provocando risos e bastante euforia, é o que o PUA chama de MOB, uma mobilização lúdica. Portanto, vejo que o lúdico na minha percepção é justamente isso, a quebra de barreiras, acaba nos aproximando mais das pessoas, pois o riso acaba trazendo uma identificação e um aproximamento.

Inicialmente foi uma percepção meio estranha, porque a gente percebia que era uma coisa muito de brincadeira, de deixar as crianças muito à vontade, e a gente estava muito acostumada a ter muitas regras, a horário, a questão da disciplina. Isso foi, inclusive para mim, como professora pedagoga, que sempre tive essa postura, esse cuidado de dominar a turma, de estar sempre atenta para não acontecer nenhum problema, muito mais pela questão de evitar que eles se sentissem à vontade para que não ocorresse, e o pua era o contrário de tudo isso. (professora pedagoga)³

Neste segundo semestre de 2023, tive a oportunidade de estar na “linha de frente” do Projeto Germinando Paz e Arte, uma parceria entre o PUA e os Palhaços Sem Fronteiras Brasil, atuando na escola de ensino médio Professora Lílisa Paiva Leite, localizada no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa - PB. Desta forma, pude ter um contato direto com os alunos e com os funcionários da escola, durante os meses de agosto, setembro e outubro, oferecendo oficinas de palhaçaria e arte em parede para os alunos e momentos com círculos de diálogo com os profissionais da escola. Ver e conhecer pessoas tão talentosas, mas que nunca tiveram a oportunidade de utilizar seus talentos de uma forma legal e produtiva.

Na oficina de arte em parede, tive o contato com vários alunos que posso chamar de artistas, pois possuem um talento incrível para a pintura e desenho. Contudo, a grande maioria não possuem oportunidades para poderem expressar e demonstrar a sua arte. Na oficina, conversamos sobre essas questões, sobre os caminhos para que eles possam se expressar artisticamente de forma positiva e inclusiva para a sociedade, realizando assim, uma arte para a paz. A pintura da parede também deu novo visual para a entrada da escola, criando uma

³ Localizada no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa - PB, a escola municipal Santa Ângela foi uma das escolas onde o PUA atuou, durante o período de 2013-2019, com alguns intervalos de tempo. A pessoa entrevistada trabalha na escola como professora pedagoga. Já atuava na escola antes desse período e acompanhou todo o trabalho realizado pelo PUA no local.

nova energia, logo na entrada, uma pintura que representa tanto a paisagem nordestina, como também a essência e criatividade particular de cada aluno que participou da oficina.

Nas oficinas de palhaçaria, nós trabalhamos bastante a questão do riso, da união e compartilhamento de emoções, o poder do nariz do palhaço e a auto identificação, a partir de várias dinâmicas e brincadeiras. A princípio seria apenas uma oficina, mas a pedido dos alunos, acabamos por fazer duas. Ao final do projeto, foi muito gratificante ver como a gente tinha conseguido tocar os alunos com a palhaçaria, a ponto deles se sentirem entusiasmados para criarem um clube de palhaçaria dentro da escola.

Da oficina, eu vou levar para a minha vida a alegria, ser mais feliz, deixar a timidez um pouco de lado também, porque eu sou muito tímido, e isso já me afetou negativamente algumas vezes. (Aluno 1)

O que me motivou a participar da oficina foi a MOB que teve aqui, onde eu me senti muito alegre e havia muito tempo em que eu não me sentia assim. A minha expectativa era que fosse um momento incrível e realmente foi. Após a oficina, eu fiquei muito mais comunicativa, eu sou muito tímida, mas a oficina me ajudou um pouco com isso e acabei fazendo novas amizades também. (Aluno 2)

4

Com os profissionais da escola, trabalhamos com os círculos de diálogo, objetivando uma maior conexão, interação e união entre eles, como também agregar valores positivos para a escola a partir deles, do trabalho desenvolvido por eles, como respeito, zelo, acolhimento, escutar e ser escutado, dentre outros construídos por eles mesmos durante os círculos. Fizemos os círculos sempre no início da manhã, então escutar como naquele dia eles estavam cansados, sem ânimo e paciência para o trabalho e que estavam saindo do círculo alegres e revigorados para poder passar o dia bem, foi muito gratificante.

A partir do momento daquelas dinâmicas, no círculo, houve uma interação. Porque assim, eu sei como que cada um se articula aqui, porém, naquele momento, eu vi que deu para melhorar mais essa interação. Porque havia um afastamento, e eu senti que após os círculos houve uma mudança muito boa. Até quem não vinha aqui na secretaria, passou a vir, a dar um bom dia, a estar mais próxima. (coordenadora pedagógica)⁵

O PUA desempenha um papel crucial na construção de uma cultura de paz não apenas entre os alunos, mas também entre os professores, coordenadores, diretores e funcionários em geral da escola. Reconhecendo que a transformação efetiva ocorre quando toda a comunidade

⁴ Os entrevistados são alunos da escola Professora Lílisa Paiva Leite, e participaram das atividades realizadas pelo PUA durante a atuação na escola.

⁵ A pessoa entrevistada é a atual coordenadora pedagógica da escola Professora Lílisa Paiva Leite, e acompanhou todo o trabalho desenvolvido pelo PUA na escola.

escolar está envolvida, então nesse aspecto, os esforços são direcionados na tentativa de se criar uma atmosfera de paz e colaboração entre os adultos que moldam o ambiente educacional.

Os círculos de diálogo emergem como uma ferramenta essencial nesse contexto. Esses círculos não apenas proporcionam um espaço seguro para os alunos expressarem suas experiências, dores e alegrias, mas também funcionam como uma plataforma para promover a comunicação aberta e a compreensão mútua entre os funcionários da escola. Desde o diretor até o porteiro, cada membro da equipe desempenha um papel vital na construção de uma comunidade coesa. Ao criar e ampliar essa rede de conexão, união e respeito, o PUA busca superar as barreiras hierárquicas que muitas vezes existem nas instituições educacionais. O objetivo é estabelecer um ambiente onde todos sintam que suas vozes são ouvidas e valorizadas, independentemente do cargo que ocupam. Isso não só contribui para a construção de relacionamentos saudáveis entre os membros da equipe, mas também fortalece a coesão geral da escola.

O PUA reconhece que, para alcançar uma verdadeira cultura de paz, é fundamental promover não apenas a segurança física, mas também o bem-estar emocional de todos os envolvidos na comunidade escolar. As atividades, como os círculos de diálogo, são desenhadas para encorajar a empatia, a compreensão e a solidariedade, criando um ambiente onde cada pessoa se sinta respeitada. Ao trabalhar ativamente na construção de uma cultura de paz entre os funcionários, acredita-se na contribuição para a criação de uma escola onde a colaboração floresce e todos se sentem parte de um esforço coletivo. Isso não apenas influencia positivamente o clima escolar, mas também serve como um exemplo inspirador para os alunos, demonstrando os benefícios tangíveis de uma comunidade unida e pacífica.

A gente percebeu um maior respeito entre os funcionários, porque existia bastante e ainda existe, mas tinha aquela diferença, auxiliar de serviço, a merendeira e os professores, como se hierarquicamente a gente estivesse acima (os professores), não tinha uma aproximação e nem a gente se comunicava de forma mais informal e carinhosa (lurdinha, maria, fátima), era a auxiliar, a merendeira, a professora,... Porém com os círculos de diálogo, que colocou em contato todos os funcionários juntos e com a própria forma de organização (em círculo), a gente começou a se enxergar, a se perceber como iguais e ter uma maior aproximação entre a gente. (professora pedagoga da escola Santa Ângela)

Achei muito interessante de compartilhar também, outro relato, feito por uma coordenadora pedagógica, a respeito das mudanças trazidas pelos círculos para com os funcionários:

Tinha a senhora que era a merendeira da escola, e acontecia que ela jogava os pratos para os alunos, era indelicada com todo mundo, tinha vezes que jogava o alimento sem prato para os alunos, fazendo eles pegarem com a mão em cima do balcão... E aí, ela participou de um dos círculos de diálogo com o pua, e teve a oportunidade de falar quem era ela, a história dela, e foi muito lindo, porque a partir disso, ela se transformou e todo mundo acabou se transformando junto com ela. Porque ela muda, cria uma conexão com ela mesma, e muda nas suas ações. (coordenadora pedagógica)

6

Eu tive a oportunidade de vivenciar no PUA um trabalho muito lindo e muito gratificante. Poder levar conhecimento, não só intelectual, mas também emocional. Cada abraço dado por uma criança foi muito especial, pois sabia que de alguma forma eu tinha tocado elas. A gente começa disseminando a cultura de paz primeiramente dentro do grupo, porque além do conhecimento teórico, a gente precisa estar preparado para disseminar a paz para os outros. Então dentro do projeto, internamente, além dos cursos preparatórios, a gente aprende bastante sobre afeto, amor, sobre o cuidado consigo e com o próximo, como dialogar, como escutar e como tocar de forma delicada e respeitosa as outras pessoas. Tanto internamente como externamente, a gente pega a teoria e transforma na prática.

Algo que pude perceber durante as entrevistas, é que todos possuem uma ideia e visão muito clara e unificada do que é o PUA, do que faz, seus objetivos, seus impactos, sua importância e seus desafios. A única entrevista que acabou fugindo um pouco do mesmo tipo de respostas, foi a da coordenadora pedagógica da escola Professora Lílissa Paiva Leite, pois atuamos por lá muito recentemente e por um curto período, mas mesmo assim, ela ainda conseguiu ver algumas mudanças após a nossa atuação.

A partir deste contexto, que abordo agora um dos, e acredito que o maior, desafio que o PUA tem, pois por ser um projeto que atua na grande maioria das vezes de forma voluntária, a gente poucas vezes consegue trabalhar de forma contínua ou prolongada em algum lugar, de forma a trazer um impacto mais duradouro. A falta de recursos e investimentos, vejo que ainda é um empecilho para uma maior disseminação da cultura de paz e um impacto em larga escala.

Mesmo assim, não deixo de acreditar no poder que o PUA tem de ser um agente transformador, de ser um projeto que cada pessoa que foi impactada ou que teve o mínimo contato, nunca vai esquecer, porque o PUA olha com o coração para as pessoas, pessoas estas que muitas vezes são invisibilizadas e desvalorizadas, e o projeto consegue trazer a visibilidade que essas pessoas precisam para se emancipar, para buscarem suas próprias

⁶ A pessoa entrevistada foi gestora geral da escola Santa Ângela, orientadora educacional na escola Santa Emília de Rodat, também localizada no bairro do Cristo Redentor e gestora pedagógica na escola João Monteiro da Franca, localizada no bairro Jardim Veneza, em João Pessoa. Essas três escolas foram locais onde o PUA atuou.

identidades, para se tornarem líderes primeiramente de si próprios e da comunidade onde vivem também.

O pua traz centenas de esperanças, de possibilidades, de caminhos. O pua possibilita essa abertura de horizontes para as comunidades. Mas não necessariamente criando uma dependência, que muitos projetos parecidos ou de intervenção se propõem, acabam criando uma dependência. Eu acho que o pua não trabalha dessa forma, ele trabalha muito com a questão da autonomia e acho que isso é fundamental. (membro do PUA desde 2014)

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, exploramos a alarmante realidade da violência no Brasil, especialmente nas periferias, onde crianças e adolescentes enfrentam desafios significativos. Nesse contexto, examinamos os fundamentos teóricos relacionados aos estudos para a paz, a cultura de paz, a segurança humana e a emancipação da sociedade. Esses conceitos forneceram um arcabouço sólido para compreender as dinâmicas sociais que perpetuam a violência e para explorar alternativas transformadoras.

O Projeto Universidade em Ação (PUA) emergiu como uma iniciativa crucial neste cenário, destacando-se como um exemplo prático e eficaz de como a cultura de paz pode ser disseminada nas comunidades e escolas. Como voluntária neste projeto, pude testemunhar em primeira mão o impacto positivo que as abordagens lúdicas e artísticas têm na promoção da paz e na construção de relações mais saudáveis.

A autoetnografia apresentada neste trabalho, não reflete apenas minha experiência pessoal, mas também evidencia a potencialidade de programas como o PUA em catalisar mudanças significativas. A integração de práticas lúdicas e artísticas não apenas envolve as pessoas e as comunidades de maneira única, mas também estimula a reflexão e a conscientização sobre a importância da paz em meio a contextos adversos.

Concluo, assim, que a construção de uma cultura de paz não é apenas necessária, mas também possível de se construir e ser estabelecida, e o PUA é uma peça fundamental nesse quebra-cabeça. Este trabalho visa não apenas documentar minha jornada pessoal dentro do projeto, mas também fornecer insights importantes para futuras pesquisas e disposições destinadas a promover a paz em comunidades afetadas pela violência. Que este estudo contribua para o diálogo acadêmico e social contínuo sobre a construção de sociedades mais

seguras e independentes, capacitando indivíduos e comunidades para superar os desafios e construir um futuro mais promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARASH, D.; WEBEL, C. *Peace and conflict studies*. London: Sage Publications, 2002.
- YOUNG, N. Concepts of peace: from 1913 to the present. *Ethics & International Affairs*, v. 27, n. 2, 2013.
- STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Cosmopolitanism. 2013. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/cosmopolitanism/> . Acesso em 15 out. 2023.
- FERRAZ, C. A. Quando ética e política se encontram: Kant, o Projeto de ‘À Paz Perpétua’ e as bases para um ‘Direito dos Povos’. *Dissertatio*, n. 34, 2011.
- RAMSBOTHAM, O.; WOODHOUSE, T.; MIALL, H. *Contemporary conflict resolution*. Cambridge: Polity, 2005.
- GROTTEN, H.; JANSEN, J. Interpreters and lobbies for positive peace. *Journal of Peace Research*, v. 18, n. 2, 1981.
- GALTUNG, J. Editorial. *Journal of Peace Research*, n. 1, 1964.
- _____. Cultural violence. *Journal of Peace Research*, v. 27, n. 3, Aug. 1990.
- _____. *Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization*. Oslo/London: PRIO/Sage, 1996.
- _____. Violence, peace and peace research. *Journal of Peace Research*, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.
- WALLENSTEEN, P. *The growing peace research agenda*. Kroc Institute Occasional Paper #21, Op.4, South Bend: Univ. of Notre Dame, 2001.
- WEIGERT, K. M. Structural violence. In: KURTZ, L. (Ed.). *Encyclopedia of violence, peace and conflict* (vol. 3). Fairfax: Academic Press, 1999.
- BOOTH, Ken. “Security and Emancipation.” *Review of International Studies*, vol. 17, no. 4, 1991, pp. 313–26. *JSTOR*, <https://www.jstor.org/stable/20097269>
- KUHLMANN, P. R. L et al. Projeto Universidade em Ação (PUA): Rompendo os Muros e Capacitando para uma Cultura de Paz por meio do Lúdico, do Diálogo e das Artes. *Mural Internacional*, vol. 10. Rio de Janeiro, 2019.

Comissão de Segurança Humana. 2003. Segurança Humana Agora: Relatório Final, Nova Iorque: CHS.

FINAL HUMAN SECURITY HANDBOOK, 2009.

NORMAN, A. A Grande Ilusão. 1º edição. FUNAG, 2002.